

LINGUASAGEM

PERSPECTIVAS DE LEITURA: SENTIDOS POSSÍVEIS DA/NA REDE SOCIAL *SKOOB*

Hayanne ZAHRA¹
Fernanda Correa Silveira GALLI²

RESUMO

Com base nos referenciais teórico-metodológicos da Análise do Discurso (AD) de linha francesa, o presente artigo tem como objetivo analisar o funcionamento do site *Skoob* enquanto uma rede de incentivo à leitura. Para tanto, trazemos uma discussão sobre o conceito de leitura, a partir de diferentes perspectivas teóricas – tais como linguística, sociologia e filosofia, a qual é fundamental para a compreensão do recorte que elegemos para a análise. Nosso interesse nessa abordagem, portanto, é: (i) discutir a noção de leitura e seus sentidos na rede social *Skoob*, e (ii) compreender como o incentivo à leitura emerge nas discursividades da/na rede.

Palavras-chave: Leitura; Sentidos; Rede Social *Skoob*; Análise do Discurso.

ABSTRACT

Based on the theoretical and methodological references of french Discourse Analysis (AD), this article aims to analyze the functioning of the *Skoob* website as a reading incentive network. For this, we bring a discussion about the concept of reading, from different theoretical perspectives – such as linguistics, sociology and philosophy, which is fundamental for understanding the cut that we choose for the analysis. Our interest in this approach, therefore, is: (i) to discuss the notion of reading and its meanings in the *Skoob* social network, and (ii) to understand how the incentive to read emerges in the discourses of the network.

Keywords: Reading; Senses; Social Network *Skoob*; Discourse Analysis.

Introdução

As “novas” tecnologias de informação e comunicação têm se disseminado na contemporaneidade e, com isso, surgem, também, em intervalos de tempo cada vez menores, os “novos” espaços ou meios digitais que abordam e até mesmo levantam

¹ Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP); Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE); São José do Rio Preto-SP-Brasil; Bolsista FAPESP; hay_z@hotmail.com

² Docente no Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Recife-PE-Brasil; fcsgalli@hotmail.com

questionamentos sobre o tema leitura. Neste contexto, as chamadas “novas” funcionalidades dos/nos espaços digitais têm, também, possibilitado outros modos de compreensão do conceito de leitura social que, segundo Ferrarezi (2014a), não é algo totalmente novo, ainda que nos últimos anos a mudança venha ocorrendo radicalmente, já que há uma “abertura” aos leitores para dialogarem e/ou deixarem suas ideias e comentários em blogs ou outros sites.

Encontramos, atualmente, nesses espaços digitais, diversas redes sociais no mundo todo, direcionadas a leitores, escritores e a todos que gostam e se interessam por leitura. Um exemplo de rede social destinada aos “amantes” de livros é a intitulada *Skoob*: lançada em 2009 por Lindemberg Moreira, ela já possui uma série de leitores. Em abril de 2015 a rede alcançou um total de aproximadamente 2,5 milhões de participantes; no momento, a rede alcançou um pouco mais de 2,9 milhões de participantes cadastrados³. A referida rede permite aos *skoobers* – nome dado aos leitores/usuários cadastrados na rede – uma infinidade de ações e um sistema com vários mecanismos, os quais abordamos, brevemente, no item de análise de um recorte sobre a ‘Meta de leitura’ na rede.

O presente trabalho, desse modo, apresenta parte dos resultados de nossa pesquisa de Iniciação Científica⁴, que teve como objetivo central analisar o funcionamento do site *Skoob* enquanto uma rede de incentivo à leitura. Para essa abordagem, trazemos uma discussão sobre o conceito de leitura, com base em diferentes perspectivas teóricas – tais como linguística, sociologia e filosofia, a qual é fundamental para a compreensão do recorte que elegemos para a análise. Nosso interesse nessa abordagem, portanto, é o de discutir a noção de leitura e investigar os sentidos possíveis da/na rede social como o *Skoob*, buscando compreender como o incentivo à leitura emerge nas discursividades da/na rede. Para tanto, nos apoiamos nos referenciais teórico-metodológicos da Análise do Discurso (doravante AD) de linha francesa.

O conceito de leitura

³ A informação foi oferecida pela rede social *Skoob* em contato que tivemos pelo “Fale conosco” – item disponível para dúvidas e esclarecimentos sobre a rede e seu funcionamento.

⁴ Desenvolvida no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE), da Universidade Estadual Paulista (UNESP), de maio a dezembro de 2015, sob a orientação da Profa. Dra. Fernanda Correa Silveira Galli e com financiamento da FAPESP (Proc. 2014/25621-0).

Do campo da linguística, abordamos a perspectiva de leitura nomeada como discursiva. Coracini (2005) discute o conceito, em primeiro plano, como processo discursivo – constituído social, histórica e ideologicamente – e, em segundo, como processo virtual, em função das “novas” tecnologias, que tem feito emergir o que muitos chamam de nova leitura, nova escrita, a de hipertextos (textos eletrônicos). Neles, o sentido, produzido por um sujeito nunca pode ser o mesmo, porém sempre está aberto para uma pluralidade de efeitos de sentido, já que, desse ponto de vista, tanto os sujeitos quanto os sentidos se constituem por meio das determinações históricas. Desse modo, do viés da AD, trabalha-se entre o possível e historicamente determinado: “É porque é histórico (não natural) é que muda e é porque é histórico que se mantém” (ORLANDI, 1999, p.22), o que abre brechas para questionarmos os sentidos sobre as “novas” práticas de leitura na atualidade, mais especificamente no que diz respeito às de incentivo no/do meio digital.

De acordo com Ferrarezi (2014b), as possibilidades de compartilhamento de sentidos concebidos por meio da leitura que os espaços digitais permitem aos leitores provocam um efeito de liberdade, o que torna esses meios lugares de múltiplas possibilidades em que os sujeitos-leitores, aparentemente, teriam acesso às diversas, ou senão, todas as informações presentes na rede, bem como a ilusão de ser capaz de se comunicar com todos os outros sujeitos-leitores. Essas ilusões, as quais aparecem de forma naturalizada nos meios digitais, e que atravessam as concepções de informação e comunicação, podem ser elucidadas e/ou até mesmo invalidadas, a partir dos pressupostos teóricos da AD. Segundo a autora, isso é possível quando projetado

[...] um olhar mais crítico para a leitura e as novas práticas de produção e compartilhamento de saberes, para os sentidos que circulam nos (ciber)espaços discursivos, bem como para o seu funcionamento, afetado pela contradição, pela falha e pela falta (FERRAREZI, 2014b, p. 201-202).

Do ponto de vista da educação, Lajolo (2002, p.105) recorda as origens da leitura como individual e reflexiva e faz comparações com a perspectiva de leitura dos dias de hoje, como aquela que se transformou em uma atividade rápida e dinâmica que necessita de um envelhecimento acelerado para que possa ser considerada lucrativa e que gere a necessidade de novos textos. Segundo a autora, a conscientização das ambiguidades existentes sobre a noção de leitura já é considerada um primeiro passo para uma mudança da prática de leitura a ser exercida de forma qualitativa, principalmente em ambientes escolares. Ou seja, a autora relata ser importante que a

prática da leitura proporcionada na escola ocorra em um espaço de maior liberdade. Esse momento de liberdade só se torna possível quando se respeita os momentos iniciais da leitura, do aprendizado e, também, no que se refere ao prazer ou aversão de cada leitor por aquilo que se lê. Isso é possível quando não se obriga toda uma classe a realizar uma mesma leitura, que se procura desenvolver uma autonomia no sujeito-aluno. Essa prática de leitura sem escolha própria do sujeito-leitor, sem liberdade, está presente nos estudos da perspectiva sociológica.

No panorama da sociologia, também encontramos essa questão, ou problemática, da leitura nas escolas. De acordo com Horellou-Lafarge e Segré (2010, p.84), a escola, na maioria das vezes, tenta impor o hábito da leitura para os alunos por meio dos docentes, que desempenha um papel importante na escolha das leituras dos alunos. Dessa forma, temos um hábito que ressoa de uma prática obrigatória e que impede, de certa forma, o desejo pela leitura, já que os alunos não têm liberdade para fazer suas escolhas sobre o tipo de leitura a ser realizada. Com base nisso, podemos dizer, a partir de Petit (2013), que o ensino tem prevalecido sob a tendência de uma modalidade formalista. A autora destaca a diferença entre leitura pessoal e escolar que, segundo ela,

[...] provavelmente, existe uma contradição irremediável entre a dimensão clandestina, rebelde e eminentemente íntima da leitura pessoal, e os exercícios feitos em classe, sob os olhares dos outros. O essencial da experiência pessoal da leitura não pode ser transcrito em uma ficha. Os gestos que acompanham a leitura escolar e a leitura pessoal não são os mesmos (PETIT, 2013, p.60-61).

Na perspectiva da filosofia, Manguel, em seu livro “Uma história da leitura” (1997), reúne fragmentos de experiências de todo tipo de leitor e leituras em diferentes épocas. Em seu capítulo *O livro da memória*, Manguel refere-se à questão da memória no ato da leitura não apenas como um lugar em que se guarda e preserva conhecimento, mas sim como algo que nos possibilita uma intensa relação – interação – com o ato de ler, com o que lemos e com o que temos de lembranças de leituras passadas. O autor destaca a relação da leitura, das palavras com o sujeito, citando um diálogo de Fedro e Sócrates, em que Sócrates dizia que, as palavras escritas “dialogam” com o sujeito:

[...] elas parecem falar contigo como se fossem inteligentes, mas, se lhes perguntas qualquer coisa sobre o que estão dizendo, por desejo de saber mais, elas ficam repetindo a mesma coisa sem parar (MANGUEL, 1997, p.77).

A partir dessas palavras de Sócrates, temos a questão do olhar do leitor com relação ao que é (a prática de) leitura; e que a interpretação e os sentidos emergem do leitor, e não do próprio texto. Nas sociedades de hoje, do mundo contemporâneo, a leitura tende a ser realizada tanto em textos impressos como textos virtuais e, com isso, vemos que os diferentes suportes demandam e resultam de diferentes comportamentos de leitor, de leituras e de relação com os textos. De acordo com Silva (2003, p. 14), essas diferenças existem em várias dimensões:

[...] das físicas (lê-se com o corpo na horizontal o texto na tela do computador e verticalmente na página do livro, por exemplo) até as atitudinais (caso o leitor da linguagem virtual não seja seletivo frente ao imenso leque de ofertas da Internet, é provável que ele se perca nos labirintos da informação).

Silva enfatiza, ainda, a impossibilidade do desaparecimento de um dos, ou dos dois suportes – impressos e digitais – pois, cada um dinamiza no que diz respeito ao enriquecimento das práticas de ensino e aprendizagem (nas escolas públicas, especificamente), introduzindo diversos saberes e envolvimento de diferentes práticas culturais específicas que surgem de diferentes necessidades nas sociedades contemporâneas. O computador, quando conectado à Internet, segundo o autor, pode ser um grande aliado e incremento no processo de aprendizagem das crianças, na medida em que as colocam diante de um ambiente virtual amplo ou, como Silva diz “um imenso universo (ou “oceano”, [...]) de informações” (2003, p.121).

Galli (2012, p. 184), em discussão sobre a leitura no ambiente virtual, observa que, na contemporaneidade, é por meio da internet que

[...] a prática da leitura é qualificada como *dinâmica*, [...] A opção pelo método de “leitura dinâmica” pressupõe um leitor que busca rapidez, conteúdos mais sintéticos, o que na internet parece envolver, ainda, maior velocidade no acesso (navegação *pop-up*) e mais variedade (dinamismo da tela, da rede).

Portanto, de acordo com a perspectiva discursiva, temos discursos diversos (efeito de sentidos) que se deslocam da leitura do texto-papel para o texto-tela, os quais muitas vezes destacam-se da escolha pelo texto-tela, o “novo”, a leitura de mais fácil acesso. Desse modo, o sujeito-leitor vê-se diante de um espaço (virtual) aparentemente sem limites e, segundo ROMÃO, BENEDETTI (2008, p.3), cria-se a ilusão de um sujeito que tem acesso a todas as informações e que pode chegar a qualquer porto sem enfrentar nenhum obstáculo.

Da perspectiva dos Estudos de Letramento, as práticas discursivas de leitura e escrita envolvem, também – como na perspectiva discursiva – aspectos históricos, sociais e culturais (CORRÊA, 2011). Segundo Tfouni (2010, p.23), o letramento tem relação com o desenvolvimento das sociedades e pode ser “apontado como sendo produto do desenvolvimento do comércio, da diversificação dos meios de produção” que se dão num *continuum*. Desse modo, falar em letramento implica falar em acontecimento que não é neutro nem para o sujeito nem para a sociedade (TFOUNI, 2010), já que se trata, sobretudo, de práticas discursivas permeadas por relações de poder, relações que também afetam a prática leitora no espaço digital.

Essas diferentes perspectivas de discussão sobre o conceito de leitura contribuem para nossa problematização acerca dos discursos sobre “o que é/seria leitura?”, ou melhor, “como a leitura é discursivizada no espaço digital?”, já que analisamos e descrevemos recortes da rede social *Skoob*, o que tem nos possibilitado compreender o modo como o incentivo à leitura emerge nas discursividades fora/dentro da rede. Destacamos, ainda, que a opção pelas referidas perspectivas se justifica pelo fato de que entendemos haver uma relação produtiva de aproximação entre elas e, também, para as reflexões sobre o tema aqui proposto – leitura e/na rede eletrônica.

Sentidos possíveis da/na rede social *Skoob*

Lançada em 2009 por Lindemberg Moreira, a famosa rede social brasileira de leitores (a intitulada *Skoob*) é considerada como um local de encontro entre leitores, escritores e amantes da literatura, de todas as faixas etárias, e permite o compartilhamento de ideias e sugestões de livros como, também, os próprios livros. Exemplos de outras redes semelhantes e com recursos parecidos com a rede *Skoob* são: “Goodreads” (californiana) e “Orelha de Livro” (brasileira). Ao se cadastrar na rede, o usuário – ou *skoober* – tem acesso a uma “Estante virtual”, a qual que lhe possibilita inserir livros que já leu, livros que está lendo, livros que pretende ler, livros desejados, livros emprestados e até mesmo livros que não foram finalizados (abandonados). Essas listagens também fazem parte do campo “Meta de Leitura”, que tem como intuito a (pré)seleção de livros que o *skoober* pretende ler.

Além disso, a rede permite a interação de um *skoober* com os outros *skoobers*, a troca de livros, o contato com editoras e autores pelos quais nos interessamos e/ou até mesmo não temos conhecimento, a participação de grupos criados pelos próprios

scoobers com o intuito de discutir ou até mesmo trocar ideias e refletir sobre algum livro específico, a participação de sorteios de livros oferecidos e realizados pelo *Skoob* diariamente, a conexão com outra rede – *Facebook*, a acessibilidade e a interação com sites de comércio eletrônico como Submarino, Saraiva, Amazon e etc. Podemos considerar, segundo Ferrarezi (2014a), a partilha como “[...] o fio condutor dos movimentos de sujeitos que navegam pelas páginas dessa e outras comunidades de leitores [...]” (p.97).

No início do ano, a rede *Skoob* propôs um desafio aos leitores – a “Meta de leitura 2015”: nessa meta, os leitores que fazem uso do campo ganham uma medalha virtual a cada 250 páginas lidas. A rede possuía um total de 55 mil participantes da “Meta de leitura 2015” no início do ano. Hoje, possui um pouco mais de 628 mil, e preza uma gama maior de participantes, para que se atinja a quantidade de aproximadamente 1,4 milhões de livros lidos. Em sua página no *Facebook*, há também informações sobre a rede *Skoob* e, dentre elas sua “Missão”, a qual se direciona a socialização e incentivo ao hábito da leitura.

Investigar os diferentes sentidos em recortes que tratam da ‘meta de leitura’ é o nosso intuito na presente abordagem, o que nos encaminha, ainda, para uma discussão e um diálogo em torno de questões presentes na “missão” na/da rede a respeito da (prática de) leitura e das posições-leitor. Conforme já sinalizamos, do ponto de vista da AD, ler representa uma prática social – não apenas de/em ambientes escolares – na qual os sujeitos-leitores inscrevem-se, a partir da memória discursiva, num jogo que possibilita diversos sentidos possíveis. Mediante isso, analisamos os recortes, a seguir, e buscamos investigar o funcionamento do espaço digital *Skoob*.

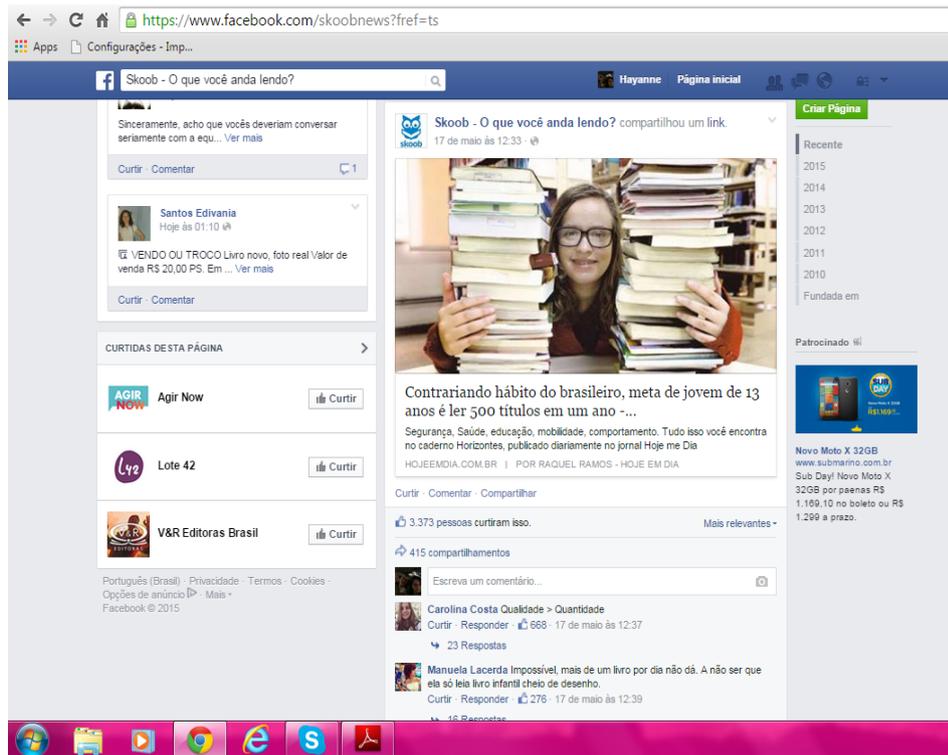


Figura 1

Disponível em: <<http://www.hojeemdia.com.br/horizontes/contrariando-habito-do-brasileiro-meta-de-jovem-de-13-anos-e-ler-500-titulos-em-um-ano-1.318646>>. Acesso em: 16 de outubro de 2015.

A reportagem é do mês de maio de 2015 e a garota, que iniciou sua meta no início desse ano, mais especificamente em 1º de janeiro, já havia lido mais de 210 títulos. A reportagem anuncia a meta e denomina-a como “ousada”, pois, como é dito no começo do texto, contraria o hábito brasileiro de leitura – que não se firmou no país. A reportagem, quando postada/compartilhada na página do *Skoob* no *Facebook*⁵, levantou diversos comentários, desde opiniões críticas até elogios, que apresentamos em nossa análise mais à frente. Interpretamos, a partir des outras análises já realizadas⁶, que os sentidos de leitura nesse recorte inscrevem-se em uma FD que a reveste de um caráter quantitativo. Em vista disso, a notícia da jovem que almeja atingir 500 títulos em um ano também nos ressoa e reforça a ideia de leitura quantitativa a partir de uma meta, já que possui um número previsto de leituras em um tempo estimado.

Diante disso, questionamos: Quais os discursos (dos leitores) que surgem por meio dessa reportagem, tanto no que diz respeito ao hábito de leitura quanto à meta

⁵ A escolha pela seleção de recortes da página da rede social no *Facebook*, e não diretamente do site *Skoob*, se deu pelo fato de ser um local que acreditamos ter maior interatividade entre a rede e os leitores, entre discursos presentes na rede e discursos da rede.

⁶ Cf. ZAHRA, H.; GALLI, F. C. S. *Leitura na rede social Skoob: a (re)produção de sentidos*. Mosaico (São José do Rio Preto), v. 14, p. 221-230, 2015.

“ousada” da garota? A reportagem gerou uma repercussão, o que podemos observar nas Figura 2 e 3 que seguem.



Figura 2⁷

De acordo com os comentários dos leitores, percebemos uma crítica à meta da jovem. Primeiramente, observamos uma leitora mostrar em seu comentário a diferença entre qualidade e quantidade de leituras, deixando emergir que, para ela, o mais importante é a qualidade (Qualidade > Quantidade). Além disso, a importância que os leitores dão à compreensão da leitura, à reflexão feita após a leitura fica explícita em vários dos discursos presentes nos comentários, como por exemplo, “Quem lê com pressa não aprecia a leitura” e “[...] A leitura tem que ser prazerosa, suave, sentida e além disso não se trata de um concurso”, disponíveis na Figura 3. Interpretamos, dessa forma, que a quantidade de leitura escolhida pela jovem é tratada pelos leitores como muito grande, impossível, ou leitura “ousada”, como foi dito por uma leitora, e, até mesmo, inatingível.

A maneira como a meta da jovem foi “taxada” é efeito do que se diz sobre o hábito brasileiro de leitura, o que vemos circular também em resultados de pesquisas

⁷ Os comentários do recorte da Figura 2 não se encontram mais disponíveis na rede. Portanto, não disponibilizamos endereço nem data de último acesso.

sobre leitura no Brasil, como por exemplo, as pesquisas “Retratos da leitura” divulgada no Instituto Pró-Livro⁸. Diante disso, com base na perspectiva discursiva, podemos pensar na questão do imaginário que circula sobre a leitura no Brasil. De acordo com o comentário da leitora, que esboça seu “incômodo” com a meta da jovem, percebemos a questão da relação de forças em seu discurso. A relação de forças, nada mais é do que um fator relevante dos mecanismos que geram o funcionamento do discurso. Segundo Orlandi (2001a, p.39), “[...] o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz”. Nesse caso, podemos interpretar que a leitora, ao ter a disponibilidade de se pronunciar mediante o espaço que lhe é dado (dos comentários), manifesta sua opinião e oposição à meta da jovem. A reportagem, a partir do título, já instiga o leitor a contrariar a atitude da jovem, pois também ressalta a ideia da meta ser contrária ao hábito brasileiro de leitura. Desse modo, podemos pensar que tais discursos surgem a partir de outros discursos, vindos de outros lugares que permitem ao sujeito tais dizeres.

É assim que o imaginário se fundamenta. Orlandi (1994) diz que o imaginário é considerado pela AD como produtor do efeito de transparência das palavras, da linguagem com seus sentidos já-lá, deixando a ilusão do sujeito como origem do que diz, o que parece emergir também nos dizeres da Figura 3. Vemos que também há uma pequena parcela de leitores que não critica o hábito de leitura marcado pela meta da jovem. Uma das leitoras pronuncia sua experiência em realizar leituras em grande quantidade e também no mesmo tempo estimado que a jovem da reportagem, deixando claro que eram “livros grossos”, e não finos. Esse discurso demarca, de nosso ponto de vista, a importância que a leitora dá o tipo de livro que lê (fino ou grosso), valorizando, assim, a quantidade.

⁸ Disponível em: <http://prolivro.org.br/home/>. Acesso em: 20 out 2015.



Figura 3⁹

Diante desses destaques, vemos que também há uma pequena parcela de leitores que não criticam o hábito de leitura marcado pela meta da jovem. Uma das leitoras pronuncia sua experiência em realizar leituras em grande quantidade e também no mesmo tempo estimado que a jovem da reportagem, deixando claro que eram “livros grossos”, e não finos. Esse discurso demarca, de nosso ponto de vista, mais uma manifestação no discurso dos efeitos de quantificação da leitura (livro fino ou grosso), valorizando, assim, a quantidade. O interessante é que a leitora relata ter realizado tais leituras a partir de um desafio proposto por sua professora que, ao final, daria um prêmio aos alunos que lessem maior número de livros. Esse discurso nos faz retomar o que analisamos no primeiro recorte, porém, nesse caso, a leitura não é única, os alunos poderiam escolher qual realizar desde que lessem em grande quantidade para concorrerem à premiação (como ocorre na rede social *Skoob* – mais especificamente, no desafio do campo “Meta de leitura”).

Também podemos observar a ideia de consumo que aparece nesse discurso. Grandes quantidades de leitura presumem grande consumo de livros, associação que, talvez, esteja vinculada a discursos de cunho midiático e/ou publicitário que circulam na

⁹ Os comentários do recorte da Figura 3 também não se encontram mais disponíveis na rede. Portanto, não disponibilizamos endereço nem data de último acesso.

sociedade contemporânea e que vemos emergir, por exemplo, nas duas pilhas de livros na Figura 1. Desse modo, temos que os sujeitos são engendrados pelas práticas de consumo excessivo e a leitura hoje, nas sociedades contemporâneas, parece ter se tornado um meio de consumo. De acordo com Galli (2008), com o desenvolvimento tecnológico, temos um “novo” dispositivo que valoriza o consumo, envolvendo os sentimentos de desejo e satisfação, já que relaciona a vontade de ter com o/ no vazio de ser. Talvez, seja possível apontarmos os sentimentos de desejo de consumo e satisfação na ênfase que a leitora dá à realização da leitura de “livros grossos” e, também, no destaque das quantidades de leituras atingidas em um ano – “Eu já consegui ler 249 livros em um ano, e não eram livros finos não, eram todos grossos”. Desses dizeres, emergem uma satisfação que busca exemplificar as quantidades de livros consumidos e suas capacidades, além da comparação com as da jovem da reportagem, sem mesmo saber quais livros ela leu e lerá.

Desse modo, os discursos dos nos/dos comentários referentes à reportagem são discurso, como já dito em outro momento, vindos de outros lugares, que surgem da relação do sujeito-leitor com sua historicidade na/para a produção de sentidos do texto. Segundo Orlandi (1994, p.57), “[...] todo discurso remete a outro discurso”. Portanto, com base em Ferreira (2001), sinalizamos que,

ao ser colocado diante de um discurso, o sujeito leitor está sendo impelido a interpretá-lo [...] e esse movimento de leitura estará necessariamente vinculado às condições sócio-histórico-ideológicas que o envolvem e que determinam tanto o leitor e sua formação, quanto a leitura a ser feita por este sujeito (FERREIRA, 2001).

Outra questão levantada durante a análise dos recortes foi: O que é leitura e leitor para os sujeitos-leitores da rede a partir dos discursos dos mesmos sobre o conteúdo da reportagem? Acreditamos que esse questionamento contribuiu para nossa análise de modo que temos como intuito pensar, aqui, como os sujeitos-leitores discursivizam as noções de leitura e de leitor, ou seja, o modo como os sentidos (efeitos) circulam nos comentários. Nos comentários feitos por alguns leitores, percebemos discursos que trazem concepções de leitura, de modo geral, como uma atividade que deve ser realizada com tranquilidade e não “correndo”, para que se possa apreciar e refletir sobre o que se lê ou leu. Essas noções de leitura aparecem como um retorno ao/do conteúdo da reportagem e, a partir delas, podemos considerar que a maioria dos sujeitos-leitores discorda da ideia da meta da jovem, já que seus discursos demonstram ser a favor da leitura qualitativa, e não quantitativa. Porém, como já

mencionamos, há uma pequena parcela de leitores que não criticam a meta da jovem ou por ter realizado a mesma atitude ou por simplesmente achar que o conteúdo da reportagem serve de incentivo ou exemplo.

A rede *Skoob* é caracterizada pelas possibilidades de os sujeitos-leitores introduzirem-se nesse espaço de constituição de sentidos. De acordo com a perspectiva discursiva, são esses sentidos (efeitos) que provocam os gestos de interpretação e a ilusão do enunciado (no caso, a reportagem) dizer o que realmente diz (sentido literal). Há, portanto, conforme destaca Ferrarezi (2014a), uma rede de sujeitos e discursos imbricados. Esses sujeitos, ao se comunicarem, enunciarem, assumem diferentes posições-sujeito. De acordo com alguns comentários, vemos concepções de leitor como aquele que aprecia a leitura. Interpretamos esse discurso comopositor, que destoa daquele que diz respeito à meta da jovem, a qual visa uma leitura que não demonstra, a partir dos discursos dos sujeitos-leitores, ser apreciada, já que é dada como “corrida” em virtude de ser quantificada, principalmente, em grande número. Um dos comentários destaca a questão do “bom leitor” como aquele que tem o desejo e gosto de “ler mais e mais”. O sujeito-leitor que faz esses apontamentos referentes ao “bom leitor” expressa sua posição, a qual não diverge daquela da meta que a jovem busca atingir, mas/e também concorda com a importância de uma leitura cuidadosa e apreciada. O “bom leitor”, nesse caso, parece ser aquele que lê muito. Porém, o sujeito-leitor responsável pelo comentário também concorda com a questão de o leitor ter que apreciar a leitura. Nesse discurso, parecem emergir duas vozes que não são possíveis de ocorrer simultaneamente: ler muito e apreciar a leitura. Ou seja, se se presume um “bom leitor”, logo se prevê um “mau leitor”. Dessa maneira, temos diferentes modos de leitura que, de acordo com a perspectiva discursiva, relaciona o dito com o não-dito. No caso do comentário, portanto, temos o posto (o dito – as características para ser um “bom leitor”) que, necessariamente, contém e carrega consigo um pressuposto (o não dito – o “mau leitor” – que se faz presente), que complementa o dito e que também significa em si.

Na Análise do Discurso, de acordo com Orlandi (2000), o leitor é o sujeito social, histórico e determinado ideologicamente, que se relaciona não com o texto, mas com o(s) outro(s) sujeito(s) (leitor virtual, autor, etc); interpreta e produz sentidos. Assim, o não leitor é o sujeito que não interpreta e, portanto, não se relaciona com outros sujeitos. Desse modo, de acordo com Galli e Garcia (2015), que também tratam dessas questões do dito e do não-dito em abordagem sobre leitura, interpretamos que os

dizeres do comentário enunciam uma dicotomização da posição do sujeito-leitor, da qual caracteriza e ressoa a ideia do “bom leitor” ser o sujeito que faz boa interpretação daquilo que lê e, em contraposição, o “mau leitor” como aquele que não faz boa interpretação do que lê e/ou não interpreta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente abordagem teve como proposta analisar o funcionamento da rede social *Skoob* enquanto uma rede de incentivo à leitura. Marcamos que a referida rede é considerada um espaço em que é permitido ao leitor assumir a palavra, refletindo e posicionando enquanto leitor em/de seu discurso, tal como procuramos mostrar ao longo da discussão. De acordo com Ferrarezi (2014a), a AD objetiva submeter o sujeito-leitor à opacidade e incompletude do texto de modo a interpretá-lo considerando a exterioridade que o permeia. Assim, finalizamos essa reflexão concluindo que os gestos de interpretação e de leitura dos sujeitos-leitores imersos na rede são constituídos e determinados sócio-historicamente, de maneira que a interpretação “sempre pode ser outra, as condições sócio-sociais podem ser outras, os sujeitos podem se (re)significar e, por conseguinte, os sentidos deslizar” (CAZARIN, 2011, p.154 apud FERRAREZI, 2014a, p. 60).

Nessa perspectiva, consideramos que a reflexão empreendida em nossa pesquisa e nessa abordagem tem sua relevância na medida em que apresenta problematizações sobre as práticas de leitura em diferentes espaços – do texto-papel (impresso) e para o texto-tela (espaço digital) e vice-versa – à luz da teoria discursiva que, além de proporcionar o diálogo com diferentes concepções e perspectivas, nos permitiu, também, outros modos de compreensão dos discursos sobre leitura e leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. Concepções de leitura na (pós) modernidade. In: CORACINI, M. J. **Leitura: múltiplos olhares**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005, p.15-44.

CORRÊA, M. L. G. As perspectivas etnográfica e discursiva no ensino da escrita: o exemplo de textos de pré-universitários. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, 2. parte, 2011, p.333-356.

FERRAREZI, L. **Nos (ciber)espaços de leitura:** sentidos e sujeitos em trânsito. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014a. Cap. 4.

_____. Tecnologias digitais em (dis)curso: efeitos de leitura, comunicação e informação. In: GARCIA, D. A.; GALLI, F. C. S.; SILVA, J. R. B.; SOUSA, L. M. A.; CHICOTE, M. L. L.; YADO, T. H. M. (orgs.). **Ressonâncias de Pêcheux em nós.** São Carlos: Pedro & João, 2014b, p.191-204.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Glossário de termos do discurso.** Porto Alegre: UFRGS, 2001.

GALLI, F. C. S. **(Ciber)espaço e leitura:** o mesmo e o diferente no discurso sobre as “novas” práticas contemporâneas. Campinas, SP: 2008. 174p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – IEL/UNICAMP.

_____. **Discursos sobre a leitura na contemporaneidade:** entre o texto-papel e o texto-tela. Campinas, n(51.1): 175-192, jan/jun2012

GALLI, F. C. S.; GARCIA, D. A. Prática leitora e suas discursividades: formações imaginárias e memória discursiva. **Raído:** Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFGD / Universidade Federal da Grande Dourados (v.9, n.19, jul/dez2015) -. Dourados, MS: UFGD, 2015.

HORELLOU-LAFARGE, C.; SEGRÉ, M. **Sociologia da Leitura.** Cotia: Ateliê Editorial, 2010.

LAJOLO, M. P.; LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo.** 6 ed. São Paulo: Ática, 2002.

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ORLANDI, E. P. Discurso, imaginário social e conhecimento. In: **Em Aberto**, n.61, ano 14. Brasília: INEP, jan/mar1994, 53-59.

_____. O sujeito na história e no simbólico. In: ORLANDI, E. P. **Contextos epistemológicos da Análise do Discurso.** Escritos no 4. Campinas: Labeurb/Nudecri, 1999.

_____. **Discurso e leitura.** Campinas: Cortez; Editora da Unicamp, 2000.

_____. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas, São Paulo: Pontes, 3 ed, 2001.

PETIT, M. **Leituras:** do espaço íntimo ao espaço público. 1 ed. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

ROMÃO, L. M. S.; BENDETTI, C. R. (2008) A navegação do sujeito no discurso jornalístico impresso e eletrônico. In: **Verso & Reverso**, v. 49, p.1-12.

SILVA, E. T. DA. (coord.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

TFOUNI, L. V. **Letramento e Alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

ZAHRA, H.; GALLI, F. C. S. Leitura na rede social *Skoob*: a (re)produção de sentidos. **Mosaico** (São José do Rio Preto), v. 14, p. 221-230, 2015.

Como referenciar este artigo

ZAHRA; Hayanne; GALLI, Fernanda Correa Silveira. Perspectivas de leitura: sentidos possíveis da/na rede social *Skoob*. **revista Linguagem**, São Carlos, v.30, n.1, p. 57-72, jan./jun. 2019. ISSN: 1983-6988.

Submetido em: 25/08/2016.

Aprovado em: 14/02/2017.